

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

PAULO CÉSAR ALMEIDA SOUSA

A PALHA DE ARROZ: PRODUZINDO LITERATURA, HISTÓRIA E
ESPAÇOS RELACIONAIS

Parnaíba - PI
2010

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº M793
CDD 398.232 8122
CUT 5725 P
V EX. 01
Data 06/07/12
Visto U. Almeida

PAULO CÉSAR ALMEIDA SOUSA

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí-UESPI/2010 como um dos pré-requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do prof. Dr Valdinar da Silva Oliveira Filho.

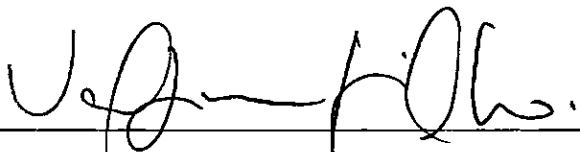
PAULO CÉSAR ALMEIDA SOUSA .

**A PALHA DE ARROZ: PRODUZINDO LITERATURA, HISTÓRIA
E ESPAÇOS RELACIONAIS**

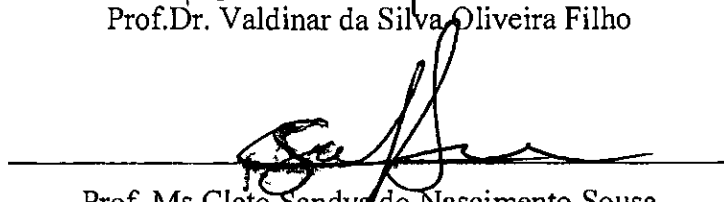
Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência parcial para
a conclusão do curso de Licenciatura
Plena em História, à banca examinadora
da Universidade Estadual do Piauí.

Aprovada em ____ / ____ / ____

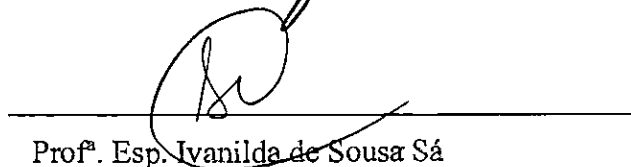
Banca Examinadora



Prof. Dr. Valdinar da Silva Oliveira Filho



Prof. Ms. Cleto Sandys do Nascimento Sousa



Prof. Esp. Ivanilda de Sousa Sá

AGRADECIMENTOS

O resultado deste trabalho me parece descontentar a muitos que, ainda, acreditam que a questão metodológica e o objeto histórico não permitem trabalhar a literatura regionalista, e muito menos o folclore. Mas, para o bem do conhecimento histórico existem pessoas, de ofício, que confiaram e contribuíram para a realização deste desafio. Dentre estas pessoas, destaco o doutor e professor do curso de História da UESPI, Valdinar Filho, que me deu suporte para realizar este trabalho, resolvendo todas as minhas pendências. Sempre de portas abertas para me receber em qualquer circunstância, e sua orientação foi determinante para a concretização deste trabalho.

A todos os colegas de turma que ao longo do período da conclusão do nosso trabalho contribuíram. Ainda à minha sobrinha Thaís Linhares que contribuiu com a formatação, pois nela encontrei a disponibilidade, a crítica, dando-me a oportunidade de prazerosamente, produzir e partilhar conhecimento.

A minha família, em especial minha esposa Petrucia Rodrigues e meus filhos Paulo Júnior e Paloma dos quais deixo o incentivo de todos os momentos, aos quais também dedico este trabalho.

RESUMO

A identificação do popular gera um aspecto de estudos provenientes e marcados por situações acadêmicas ou não que serão condicionadas ao sistema de atribuições que nos fogem e/ou nos aproxima dos questionamentos. Partindo desta situação é que tivemos a idéia de selecionar a obra do romancista e folclorista piauiense Fontes Ibiapina para desenvolver e tomar evidências históricas envolvendo sua expressão enquanto folclorista e romancista do sertão e da cidade. Assim podemos afirmar Fontes Ibiapina como um escritor popular fundamentando sua obra em uma linguagem em construção simples, marcando o cotidiano, os hábitos, os costumes do povo. Fontes Ibiapina traduz o significado da cultura e do folclore como elemento de formação social. Assim os textos de Ibiapina sugerem uma forte reflexão histórica, pois os discursos são interligados relatando os sentimentos e a realidade simbólica de um povo, transformando em história e metáfora o meio ambiente que possibilita ao homem popular uma distribuição no tempo. Em Fontes Ibiapina observa-se a manifestação histórica verdadeira de um povo, isto é manifestado na obra "Palha de Arroz" quando o autor coloca o leitor diante de um fato já conhecido que de uma forma ou outra foi condicionado pela história. Ainda na citada obra, Fontes Ibiapina reflete as experiências dos acontecimentos históricos, resgatando a condição social de homens e mulheres em um espaço geográfico. Também em "Palha de Arroz" observamos que a estamentação social define a exclusão intelectual e econômica transformando-se assim na área de difusão de um tipo de manifestação cultural.

ABSTRACT

The identification of an aspect of popular generated from studies and marked by academic situations or not that will be conditioned to the system of assignments that have evaded us and / or approach the questions. Starting from this situation is that we got the idea of selecting the work of the novelist and folklorist Piauí Ibiapina sources to develop and take historical evidence surrounding its expression as a folklorist and novelist of the interior and the city. So we can say sources Ibiapina as a popular writer basing his work on language in a simple construction, marking the everyday lives, habits, customs of the people. Sources Ibiapina translates the meaning of culture and folklore as an element of social formation. So the texts Ibiapina suggest a strong historical reflection, because the speeches are interconnected reporting feelings and symbolic reality of a people, history and metaphor in transforming the environment that enables men to a popular distribution in time. Sources in Ibiapina observe the manifestation of a real historical people, that is manifested in the work "Rice Straw" when the author places the reader before a fact already known that in one form or another has been conditioned by history. Even in that work, Sources Ibiapina reflects the experiences of historical events, restoring the social condition of men and women in a geographic space. Also in "Rice Straw" observed that the social estamentação defines the intellectual and economic exclusion thus becoming the area of distribution of a type of cultural event.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. FOLCLORE E SOCIOLOGIA EM FONTES IBIAPINA.....	13
2. A PALHA DE ARROZ: PRODUZINDO LITERATURA, HISTÓRIA E ESPAÇOS RELACIONAIS.....	23
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

INTRODUÇÃO

Este tema que conduziu nosso trabalho surgiu a partir da afinidade que tenho com literatura brasileira e piauiense em decorrência de lecionarmos, dez anos nesta área. Assim por acúmulos de experiências anteriores selecionamos a atuação e obra de Fontes Ibiapina como fonte de pesquisa e possibilidades de discutir os diversos campos de pesquisa, como sociologia, antropologia, folclores, linguagem, para fortalecer os estudos sobre a história sócio cultural como também as formas de narrativas atribuídas ao historiador, que ao relatar a história mostra, que queira ou não o seu lado subjetivo, aproximando-se da literatura. Porém sabemos da carência de nosso trabalho, posto que nossa competência e intelectualidade nos limitou a um trabalho que alterna-se entre interpretações pessoais deficientes que precisam ser aprofundadas com afirmações desenvolvidas a partir de fundamentações em teóricos renomados como: Hayden White, Michel de Certeau, Durval Muniz, Roger Chartier e outros.

As limitações que restringem esta obra estão ligadas as dificuldades enfrentadas por mim durante a conclusão do curso, as quais estão ligadas principalmente a falta de leitura e a impossibilidade de cumprir uma carga horária adequada. Ainda, embora que em uma menor proporção, minhas deficiências, também estejam relacionadas com uma parcial desestruturação do curso, que em alguns momentos deixou a desejar, no que diz respeito a dar suporte adequado ao aluno do curso de história na primeira turma de período regular na UESPI – Campus Parnaíba. Mas sabemos da importância acadêmica para nossa formação e também da contribuição de todos os professores que fizeram parte como sujeito determinante para o aprimoramento de nossos conhecimentos como professor de história.

· Este trabalho têm como importância o conhecimento de fatos, hábitos, costumes, crenças, linguagem e outros artifícios para dar justificativas e provocar questionamentos e situações para substanciar os significados para o estudo da cultura popular e as possibilidades para questionarmos as fronteiras a literatura da história proporcionando, mais uma fonte de pesquisa que venha a contribuir com os estudos relacionado ao tema central e a outros temas secundários citados neste contexto. Pois é preciso que se analise os fatos históricos não somente a partir das versões oficiais, da fala dos políticos e jomais tendenciosos, mas também através das representações dadas por outras fontes que mostrem outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados, onde este trabalho possa contribuir como material histórico,

sociocultural para avaliarmos circunstâncias em diferentes meios sociais, permitindo que se resgate uma série de atitudes críticas entre os chamados setores populares na história do Piauí e do Brasil.

Ao escrever este trabalho mostrei como principal objetivo a contribuição da literatura e especificamente a obra de Fontes Ibiapina no referente à questão da sincronia aos diversos campos de estudos/folclóricos, sociologia, antropologia, linguagens, cultura etc. Possibilitando uma modificação e evolução da visão historiográfica que dependem dos fenômenos metodológicos, técnicos e conceitos elaborados. Assim nos possibilitou apresentar “realidades” e instrumentos para análises de certas técnicas de pesquisas e de processamento de dados e estabelecer uma problemática de fato pertinente.

O nosso trabalho teve como fontes para trabalharmos Fontes Ibiapina, a internet, críticos sobre a literatura brasileira e piauiense, a própria obra de Fontes Ibiapina. E tópicos da historiografia universal, como: Peter Burkner, Hayden White, Michel de Certeau, Roger Chartier, Durval Muniz e outros. Estes teóricos em suas respectivas obras que em determinado momento possibilitam reflexão a contribuição da literatura à história e até mesmo a sugestão de uma narrativa a discursos convergentes que influenciaram-se. Desenvolvemos nosso trabalho com fundamentação nos historiadores que sugerem a possibilidade das situações periféricas ou dependentes, que são levados para uma dinâmica do fenômeno de dependência cultural, isto é, os fatos e acontecimentos históricos são conseqüências, também do comportamento e da cultura das massas.

— Da metodologia utilizamos percepções empíricas do espaço geográfico trabalhado em representações mentais e capacidades humanas para transformar as sensações em conceitos e ideias, que tomam a forma de razões e sentimentos e qualificam a “realidade”, isto é, trabalhamos uma região ligada aos personagens e a cultura de um povo que pensava de maneira aproximada e que procuramos compreender este povo através de um histórico memorialista, fazendo-o existir em uma instância temporal que não é nem passado nem presente, mas sim um tempo histórico. Ainda nos preocupamos com a narrativa e o discurso, solicitando-os como uma forma de provocar um debate entre a ciência objetiva e a arte subjetiva.

Neste sentido escolhi Fontes Ibiapina para mostrar que o memorialismo, folclórico e as identificações de um povo com seu espaço, sua cultura são representações simbólicas que concretizam uma condição e que estas representações simbólicas tem a intenção de remeter no

presente os acontecimentos do passado. Em *Fontes Ibiapina* e, principalmente em “Palha de Arroz” focalizamos um recorte de tempo – 1935 – 1945, e assim possibilita-se um estudo focalizado em documentos, abstratismos, possíveis fatos em registros que transformem restos do passado em rastros que fornecem indícios que teriam acontecido um dia.

☺ No primeiro capítulo apresentarei uma análise que constatará aspectos condicionantes e determinantes do folclorismo e da sociologia existente na obra de *Fontes Ibiapina*. Além disso, pretendo verificar as especificidades da produção literária regionalista, no Brasil, destacando a participação da obra de *Fontes Ibiapina* neste contexto. Pretendo averiguar como esse autor, mesmo de forma empírica, trabalhou as vertentes da História cultural, do folclorismo e da sociologia. Buscarei as condições de visão históricas e concepção de cultura que *Fontes Ibiapina* possivelmente imaginava. Também farei uma apreciação da ideia de “real” no discurso do autor, como também observaremos a posição e pensamentos do autor sobre o mundo ao seu redor. Ainda farei buscas entre teóricos de renomes em diversos campos da História, para consolidar e substanciar nosso trabalho. Assim passarei a analisar o devido escritor em circunstâncias naturais e especiais em relação ao cotidiano social e intelectual. Também mostrarei a identificação que o referido escritor tem os espaços e com as épocas de que escreveu e/ou viveu (sertão do Piauí, interior da cidade de Picos, Teresina capital do estado e Parnaíba, entre 1921 – data de seu nascimento – e 1986 – data do seu falecimento).

Portanto, pretendo esclarecer as atitudes, comportamentos, vícios e sentimentos de *Ibiapina* com relação ao histórico, cultural, individual e ao coletivo. Assim questionar, justificar e demonstrar a correlação do folclorismo e da sociologia encontrada na obra de *Fontes Ibiapina* com a história sociocultural, baseando-se em vários teóricos e suas ideias como referências a este estudo. Também observar espaços geográficos e vida cotidiana de determinado grupo e as influências que este grupo transfere para outros grupos e, também, a forma como estes grupos são influenciados.

No segundo capítulo, tratarei, a partir da “Palha de Arroz”, objeto concreto do cotidiano de uma comunidade, dos conflitos, sentimentos, comportamentos, perspectivas, cultura e história de uma sociedade condicionada pelos aspectos econômicos, políticos, temporais, espaciais e relacionais, uma abordagem de episódios históricos ocorridos na cidade de Teresina durante a ditadura Vargas e o governo Leônidas Melo. Também aprofundarei dois objetos fundamentais da pesquisa: as práticas de escrita que o autor selecionou na obra “Palha de Arroz”

e os temas recorrentes e os vínculos e as variações existentes entre a identidade social dos bandidos/heróis brasileiros e as representações textuais que lhes são dadas. Ainda procurarei associar a época em que se relata o imaginário da obra “Palha de Arroz” com as representações das mulheres. Pois perceberemos que esses relatos têm vertentes patriarcais, como não poderia ser diferente, recriando imagens de anti-heroínas, de mulheres malcriadas e falsas.

Estas intervenções que farei serão estruturadas no conhecimento histórico e em uma cultura particular, em um recorte de tempo – 1935 – 1945, embora a obra “Palha de Arroz” tenha livre acesso a várias periodizações no cenário brasileiro, pelo contexto documental, ficcional e estratégico, transcendendo momentos, imprimindo vários significados conforme o olhar do leitor. Embora a narrativa histórica esteja presa às metodologias e ao respeito ao dito, guarda uma relação de proximidade com o fazer artístico, quando em seus objetos reflete intrigas. A narrativa histórica, como coloca Hayden White, implica a elaboração de um enredo com a definição de personagens, de agentes e agências da ação histórica; implica a elaboração de um argumento, além da presença inevitável de implicações políticas e de pressupostos filosóficos¹.

Enfim, em nosso trabalho procurarei fazer uma abordagem histórica utilizando-me da obra, de Fontes Ibiapina, em especial, “Palha de Arroz” a partir de uma leitura sociocultural, mas, contudo salientando o folclorismo, os costumes, hábitos e crenças das camadas populares em um espaço definido, mas ampliando este espaço para um estudo histórico que venha a romper limites que nos leve a outros espaços relacionais. Também, pretendemos neste caminho criar identidades em que as atividades de referência imaginária situem os indivíduos no mundo. Ainda procurei dar importância ao discurso através de uma produção de significados, exigida em linguagem para posterior colocação em narrativa. Isto é, o historiador precisa ter como um dos elementos fundamentais a ligação do sujeito com o social e também, as imagens retidas de experiências passadas. Ainda tivemos a preocupação de aproximação ao sugerirmos a reintegração dos textos históricos às atividades da criação e do subjetivo.

Esta pesquisa em volta do comportamento sociocultural e folclórico da obra de Fontes Ibiapina e, em consequência, do povo piauiense, tem fundamental importância para nossa sociedade, em relação à tentativa de compreendermos os diversos grupos que formaram esta sociedade em um determinado período em nosso estado e, também, as influências sofridas na constituição contínua das situações sociais que sofreu a sociedade piauiense. Ainda, este trabalho, tem a intenção de provocar uma discussão em tomo da polêmica sobre a disputa de espaços entre

as diversas camadas que constituíram e constituem a sociedade piauiense. Ainda pretendemos com este trabalho, possibilitar à pesquisa sobre as amplas possibilidades de relacionamentos entre os diversos campos da ciência com o estudo histórico, onde os pesquisadores sobre o comportamento de grupos da sociedade piauiense tenham mais uma fonte de pesquisa, embora superficial para conhecer as atitudes, sentimentos, costumes, hábitos, cultura e formação de nossa sociedade.

¹ WHITE, Hayden. *Meta-história: A Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1992.

1 FOLCLORE E SOCIOLOGIA EM FONTES IBIAPINA

O homem é a expressão do meio cultural em que vive. Assim foi Fontes Ibiapina: a representação viva da cultura do Piauí, autor de obras que retratam com apuro a vida do sertão através de uma literatura cheia de graça, situada entre o real, o folclórico e o mítico. O folclorista tem o direito de reinventar um episódio relatado anteriormente, utilizando-se do imaginário e de expressões orais ou escritas, difundindo-as em larga escala e tomando-as evidências históricas. Neste sentido, podemos perceber a literatura do folclorista como memória da história.

Em Fontes Ibiapina vamos observar que a linguagem perdeu suas amarras com a norma, buscando a partir de espaço próprio mostrar a significação da fala sertaneja, sem precisar de certa adjetivação excessiva. Ibiapina fundamentou sua linguagem nas construções simples, sem levar em consideração a sintaxe e a regência, como podemos observar no fragmento abaixo citado:

“Encafuou a mão no buraco do riscado e puxou a bolaça. Só trocado! Miúdo que nem xerém pra canário. Pouco mais de dez mangos. Ninharia que não dava sequer para pagar o susto. Muito menos a morte no Poço da Usina. (Morrer barato que nem bolo-frito assim não tinha nem graça). Barbeiro desgraçado aquele que nem ganhar dinheiro sabia. Se Maria Preá fosse que nem uma daquelas gatas de Paissandu, amancebada até com doutor de posição, dormindo em colchão de molas, não lhe deixaria um centavo. Mas Maria Preá era uma fuampa pobre. Mais que isto, apesar de até bonitinha. Sem sorte. Nunca que passou duns fiangos de tipóia, uma muda e um par de tamancos.” (IBIAPINA, Fontes. *Palha de Arroz*. p. 17)

A obra de Fontes Ibiapina é apresentada como um produto popular, por que utiliza-se como matéria-prima a forma de vida, o cotidiano, a linguagem, os hábitos, os costumes do povo sertanejo do Piauí. Assim a crítica que envolve e analisa a literatura piauiense, como Alcenor Candeira, Cineas Santos, Francisco Miguel de Moura, Luiz Romero Lima, Carlos Evandro, confirma este cunho de produto popular na obra de Fontes Ibiapina, frente à cultura dominante, aquela que convencionou o que deve estar em evidência, a cultura da elite determinada pela ligação com os grandes centros urbanos nacionais e, também, com as metrópoles européias. Não sendo um regionalismo mágico, isto é, diferenciado da literatura regionalista de pura ficção, onde esta não tem compromisso com o lugar, a sociedade e a cultura de referência como partida para caracterizar as ideias, os vocabulários e o cotidiano das pessoas que vivem em um

determinado espaço e determinada época. Mas a própria pesquisa folclórica

“Folclorista e acima de tudo, ficcionista, a obra de Fontes Ibiapina, representada por mais de trinta livros, entre publicados e inéditos, apresenta uma temática ligada ao processo socioeconômico piauiense. Fixa com precisão o sertanejo, a sua ingenuidade, a sua linguagem, a sua coragem. Nas páginas de ficção urbana se preocupou também em retratar a realidade social e política do Piauí. Palha de Arroz é o maior exemplo neste sentido.” (Alcenor Candeira Filho, In “*Literatura Piauiense no Vestibular*”, Parnaíba, PI, 1995).

Ainda podemos observar nesta obra o afastamento de uma postura autoritária que fosse restringir a criatividade, dando uma importância às camadas populares, por ser de Fontes Ibiapina a essência de criação ligada aos sentimentos oriundos ao homem simples, aos lugares peculiares que identificam-se a uma gente que através de uma construção simbólica estabelece uma comunidade de sentido e um ponto de referência no mundo. Assim observa-se que esta forma de literatura mostra uma outra visão de momentos históricos e pode ser significativa para avaliarmos versões sobre estudos histórico-sociais, como podemos observar no trecho abaixo:

“- Era uma vez um fazendeiro rico. Tão rico que a barriga não crescia mais por não ter para onde. Quando tinha raiva dum escravo, mandava que os outros agarrassem e derrubassem o pobre. Querer, eles não queriam. Mas tinham de obedecer às ordens. Do contrário, também entrariam na dança. Aí pegava uma pedra, do tamanho da barriga dele, e quebrava a cabeça do coitado negro, chega os miolos estufavam.” (IBIAPINA, Fontes. *Vida Gemida em Sambambaia*, p. 27)

Neste sentido, o significado da cultura está fundido com a construção de uma identidade e as pessoas comuns interpretam o mundo a partir de suas perspectivas. Fontes Ibiapina traduz esta possibilidade de significado da cultura como elemento de formação social, desvincilhando-se dos conceitos e preconceitos entre sujeitos sociais de um mesmo espaço geográfico e um mesmo tempo histórico, apesar de não estar livre das influências do saber institucionalizado. Assim podemos posicionar os sujeitos sociais, a cultura e o espaço geográficos ao que determinam à construção de uma realidade que identificam determinado grupo. Como afirma Chartier:

“O objeto da história cultural é identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler. Adverte ele que não podemos perder de vista que a percepção e a apreciação do “real” são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam, pois o discurso traz a posição de quem o prefere. Logo, não há discurso neutro.” (CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990. p. 17.)

O romance de Fontes Ibiapina manifesta-se historicamente quando o narrador relata as reflexões de um povo que, sob a ideologia dominante separa ricos de pobres. Revela-se o desejo de os privilegiados permanecerem no poder determinando uma imobilidade social, onde a classe proletária não consegue vencer os obstáculos impostos. Este autor em seu “real” relaciona-se com a ideia de Chartier, quando participa de um determinado grupo em sua condição de folclorista que o leva a defender a literatura nesta condição, fazendo parte de um grupo que também consiste neste mesmo olhar. Ainda podemos afirmar que Ibiapina percebe as relações sociais e culturais, também, por uma vertente econômica. Como podemos observar, na citação abaixo:

“A pobreza passando miseravelmente. Vida de cachorro, uma vida daquelas. Quase que todo mundo sofria em Sambambaia, porque mesmo em Sambambaia quase todo mundo era pobre. Até os arranchados tinham lá também suas dores-de-cabeça ao verem, além de tudo, todo o criatório se acabando sem ter para onde apelar.” (IBIAPINA, Fontes. *Vida Gemida em Sambambaia*, p. 31)

Entendemos que em alguns momentos os textos de Ibiapina sugerem uma forte reflexão histórica, pois seus discursos são montados, interligados, demonstrando os retalhos seculares que relatam os sentimentos do sertanejo em uma solicitação que resgata a consciência de lutarmos contra o atraso. Isto de nada tirou o conservadorismo deste autor.

Fontes Ibiapina pintava o sentimento do povo, porque sua criação baseava-se, fundamentalmente nas atitudes de um determinado grupo que localizado em um espaço geográfico teria suas experiências simbolizadas em seus costumes, hábitos, crenças e linguagens, este sentimento seria por vez o seu, era o sentimento do homem que está irremediavelmente perdido, e, por consequência desamparado no meio do sistema que o rege, onde o dinheiro reina e a moral dos antigos se desfaz aquela incrível ética onde o selo de um contrato era o fio do bigode do devedor, ou a palavra valia mais do que papel e tinta, cartório e escritura. Por isso e por outras condições e causas que talvez ainda suas obras não sejam conhecidas como deveria, pois Ibiapina veio a ser o intérprete minucioso, autêntico do ruralismo piauiense, não obstante aquela volta ao

tempo antigo por mensagem, como se fossem melhores que a vida de hoje, deixando no leitor a sensação de perda. Seria como um desejo de reencontro com o éden.

Este autor transforma em história e metáfora o meio material e a própria linguagem oriunda da língua da camada popular discorrendo sobre coisas de sua própria experiência. Assim foi que Fontes Ibiapina destacou-se como folclorista e romancista sendo referência para a maioria dos escritores no Piauí, mas sua ficção diferencia dos demais contemporâneos por sua maneira de contar as coisas, forma direta e sem artificialismo, numa linguagem viva e simples, em um texto que aproxima a história à literatura, não esquecendo a coerência interna que a obra literária deve apresentar. Ele gosta de usar a primeira pessoa para dar mais veracidade a suas histórias e agraciar a simpatia dos leitores, como fazem os contadores de outras regiões do Brasil. Ibiapina esconde detalhes de sua narrativa aproximando sua escrita à do historiador que esconde seus enunciados. Como refere-se a citação abaixo:

“Pau de Fumo:

- Está certo. Mais tem Deus para me dar. E tudo que Ele me der eu divido com os pobres de minha terra. Bem sei o que pobre sofre, especialmente pobre da Palha de Arroz, Barrinha, Curral-das-Éguas, Cai-n'Água, Balança-Cu, Quatorze Bandas...” (IBIAPINA, Fontes. *Palha de Arroz*, p. 47)

(...) A narrativa esconde os seus andaimes: ela não fala detalhadamente dos seus métodos, nem menciona que a sua escrita faz parte de um rito de iniciação, de pertencimento. O historiador não enuncia, a cada passo, que deseja, com cada argumento, com cada metáfora, saber-se reconhecido e acolhido por seus pares. Ele evita mencionar para o uso criterioso dos métodos é uma chave para a sua aceitação. (Alarcon Agra do Ó, *Veredas Favip*, pág. 52)

Segundo Certeau, a história se volta por sobre si todo o tempo, e busca sua maior precisão justamente investigando-se incessantemente. Na atualidade, isso tem implicado em algumas posições. Em primeiro lugar, a história hoje é um esforço de se entender a mudança, o deslocamento, o desvio – mais do que a regra, o total. Em segundo lugar, a história o tempo inteiro está explorando os limites da inteligibilidade, distendendo-os. Por fim, a história é uma distância do presente em relação ao passado: é um estranhamento. Fazer a história é, assim, dotar de espessura histórica o presente, mas é, também, dotar de espessura histórica o vivido, separando-o do presente, permitindo aos homens a sua distribuição no tempo.²

² CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 65-119.

Ibiapina sabe selecionar formas diversas para temperar a sabedoria do povo e a fala, quase original de uma região de forte profusão de ditados inventados, transmitidos e repensados de formas naturais como em uma rotina natural. A lenda, a lorota, a anedota, a crença, a fábula e a fé se entrecruzam para formar a salada gostosa do seu estilo, de sua obra. A isto tudo se soma Fontes Ibiapina, que sabe o cheiro das tradições culturais que giravam em torno do seu tempo, do tempo passado e de tempos futuros, como exemplo a citação abaixo:

“De tudo isto o cabra sambambaiense sabe. E de muito mais! Só não sabe, e até se impressiona por não saber o motivo, por que não há uma semana santa sem lua. Não adianta se dizer para ele que é porque depois da primeira lua cheia da primavera, a primeira sexta-feira é sexta-feira de páscoa. Não adianta, porque ele não sabe nem o que venha a ser essa tal de primavera.” (IBIAPINA, Fontes. *Vida Gemida em Sambambaia*, p. 94)

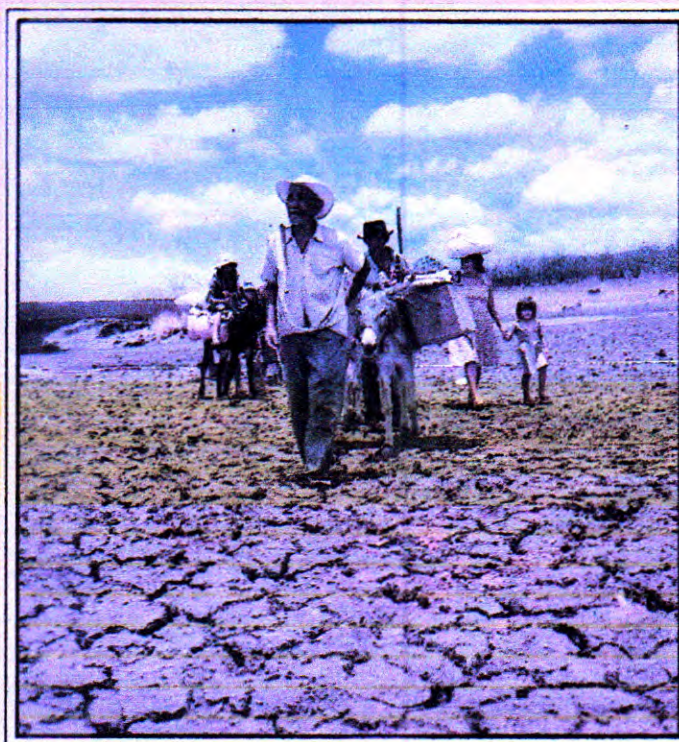
A produção de Ibiapina faz parte da prosa regionalista brasileira, pois como a grande maioria dos grandes escritores nacionais que trabalham esta prosa – Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo e outros – caracterizam-se por desenhar o físico e o humano de determinada região do Brasil a qual destaca o homem, o espaço, os costumes, os hábitos, a religiosidade e a cultura do sertanejo piauiense que “antes toda a tradição resgatado ao romance de trinta e reinventada nos anos cinquenta por Guimarães Rosa, temos a estréia de Fontes Ibiapina com o livro de contos *Chão de Meu Deus*, em 1958, tendo uma segunda edição em 1965”, como afirmam Abdemaldo Rodrigues e Adriano Lobão Aragão no texto “Folclore e Sociologia em Fontes Ibiapina”. Esta característica, e outras, fazem de Ibiapina um pesquisador da história cultural, embora não tenha uma metodologia definida como tal, demonstrado no texto abaixo:

“Dezembro, dia 14. A matutada sambambaiense amanheceu de crista caída. A experiência das pedrinhas de sal que lhes trouxera um recado fúnebre. Santa Luzia descera do céu com um recado triste. E Santa Luzia jamais mentiu para aquela gente. Em qualquer casa, pelas várzeas, pelos recantos e morros, onde quer que se encontrasse um cristão, a conversa era uma só. Aquela conversa tão repetida, tão amassada pela língua de todos. A conversa que não ia chover. Aconteceu que as pedras de sal postas ao sereno durante a noite amanheceram secas que nem língua de papagaio. Muitos já o sabiam, porque as chuvas-dos-cajus não vieram. E, quando as chuvas-dos-cajus não assinam ponto, pode-se tirar o cabelo da venta – não vai haver inverno. Coisa tão certa como dois mais dois são quatro e menos quatro zero. Conversa que nunca mentiu fogo. Não tem quê nem porém. Todo mundo fica logo certo como tudo

vai ser mesmo. Todo mundo esmorecido. 1932 plagiaria, ao pé da letra, com todos os efes e erres, o maldito e nunca esquecido 1915. Sinal de tristeza. Sinal de tristeza, que naquelas caatingas não pode mesmo haver coisa outra tão grande em misérias quanto um ano de Seca. Calamidade tão pesada, que apenas numa letra há diferença para a casa do Diabo – não havendo inverno, há Inferno. Mas a matutada sambambaiense não perde assim a esperança de uma hora pra outra. É preciso ver para crer: - O desengano das vistas é furarem-se os olhos. De semblantes alquebrados, fitavam o nascente. Cada olho deste tamanho como se querendo comer os céus, procurando sinal de chuva. E ouvidos atentos aguardando o ronco do trovão. O diacho era que nem sinal! O céu amanhecia limpo como o Coração de Maria. À tarde, o Sol machucava a cabeça lá no cocuruto da serra da Atalaia, que tem até um carneiro em ano de bom inverno, e lambuzava o ocaso do vermelho. Era o sinal da guerra do sol; o sinal da Seca. Era o sinal da guerra da fome. Daí o espírito do povo se abismava numa melancolia tão profunda, que dava pra se pensar de cada casa saído um defunto. Lá se vinha outra experiência séria. 24 de dezembro. Nascimento de Cristo no dia seguinte. Noite-de-Festa. A mais tradicional e mais respeitada dentre todas as festas nossas. Não ficava um rapaz ou uma moça que não fosse pra a cidade. Além do mais, aquela seria uma das mais bonitas Noites-de-Festa dali, porque o Padre José Zimmermann que não era brasileiro, das estranhas da gema, sabia falar bem e era virtuoso. Alguns velhos surrados pelo chicote do tempo, dos janeiros, que não mais aguentavam o rojão, ficaram em suas casas. Aí cachimbavam à madrugada, na ponta do terreiro, esperando que ao raiar do dia aparecesse uma barra na parede do nascente. Mas se deu que, às seis horas, o Sol velho de guerra meteu os peitos e botou a cabeça de fora com a cara mais limpa do mundo. Nem sequer uma mancha de nuvem! Sinal de inverno... nada! As carnaubeiras penduravam gordos cachos e a peitica cantava a noite toda. Era um deus-nos-acuda. Quando as carnaubeiras parem muito, não há inverno; enquanto a peitica canta, não chove. Além do mais, à tarde, próximo à lagoa, as andorinhas faziam remoinho. Como se sabe, uma andorinha só não faz verão. Mas uma praga daquelas, era mesmo que se escrever pra São Pedro pedindo Seca.” (IBIAPINA, Fontes. *Vida Gemida em Sambambaia*. 2ª edição, 1998).

Desta maneira Fontes Ibiapina consegue nos transmitir uma vívida imagem das crenças e condições de vida desses rijos nordestinos perseguidos pela seca. Temos certeza de que sua linguagem saborosa e o envolvente painel que traça dessa situação que ainda atinge tantos brasileiros encantará profundamente nosso povo.

Vida gemida em Sambambaia



FONTES IBIAPINA

1.º PRÊMIO — VII CONCURSO
NACIONAL DO CLUBE DO LIVRO

Arquivo pessoal do autor do trabalho

Fontes Ibiapina é daqueles escritores que trabalha sua obra enfatizando suas características folcloristas e sua vertente sociológica definindo uma modalidade de existência que atribui uma identidade ao sertanejo piauiense. Pois esta sociedade deve ser marcada pelas experiências que requerem as relações fragmentadas próprias do homem como heterogeneidade do que se pensa e reconhecimento das personalidades em outras personalidades que tiveram composições sob influências culturais próximas, mas nunca idênticas, ou influências distantes, mas nunca desligadas. Como diria João Cabral de Melo Neto: “O que vive choca, tem dentes, arestas, é espesso. O que vive é espesso como um cão, como um homem, como aquele rio”.

“Voltando, Macacos nas camas e nas redes com as mulheres era acrescento do povo. Nem sangue dos peitos das vacas ao invés de leite, nem imagens dependuradas (com exceção de Santo Antônio como já vimos) etc. Acrescentos forjados por línguas-compridas. Mas o certo foi que não se fizeram tardar outras marmotas além do Cavaleiro-da-Meia-Noite. Como já se viu, como ficou dito, logo que se iniciava aquela fantasia de passeios, todo mundo da casa (menos o Capitão Leopoldo e os negros da senzala) se botava para o quarto-dos-santos. Pois bem. A estroenga passou. Tudo o quanto de adultos para o quarto-dos-santos. E tome rezas! Creio-em-Deus-Padre, Ladainha, Salve-Rainha, Ofício de Nossa Senhora, (...). Mas aquilo, devido ser tarde, sempre que os meninos dormindo. Pois ainda bem não terminavam as rezas naquela noite, lá se vai um alarme para o lado do quarto das cativas, lá embaixo, nas proximidades da cozinha. Gonçala, molecota de apenas para seus dez anos, completamente assombrada. A pobre da negrinha gritava que enchia todo o casarão. Mais que logo, todo mundo correu pra lá. Quem que disse que ele sabia ao menos se explicar! Completamente apavorada, que os olhos só faltavam saltar pelas órbitas. Todo mundo lhe perguntando o que havia visto, de que se tratava, e nada de a coitadinha dar ao menos rumo de explicação. Completamente desorientada, saltando e gesticulando com os braços e gritando que mais gritando.” (IBIAPINA, Fontes. *Curral de Assombrações*. 1985. p. 15)



Arquivo pessoal do autor do trabalho

A obra de Fontes Ibiapina está atrelada a uma literatura localista desnudada de uma superestrutura narrativa, posicionando-se a um conteúdo previsível quase incapaz de surpreender o leitor. No entanto, Fontes quisesse esta forma mais simples de escrita para fazer sua ficção mais popular com uma facilidade de compreensão do foco atribuído sem mudanças profundas para guiar a referência dos que poderiam ler os seus romances. Com um palavreado popular, exemplificou o escrever do regionalismo e folclorismo da literatura brasileira. Também este autor buscou o objeto concreto do cotidiano de uma comunidade que condiciona um espaço visceral de determinado grupo social de fragmentos históricos retratados em configurações literárias que inicia uma abordagem sobre as narrativas dos acontecimentos humanos. Mostrar que, embora a história tenha seus fundamentos na cientificidade e a literatura na imaginação e subjetividade, têm, contudo, o suposto real traduzido em linguagem. É a procura da palavra, a constituição do objeto tanto da história quanto da literatura, mesmo percorrendo caminhos opostos, mas impregnando uma carga de subjetividade como resultada do ato criador.

A obra de Fontes Ibiapina está atrelada a uma literatura localista desnudada de uma superestrutura narrativa, posicionando-se a um conteúdo previsível quase incapaz de surpreender o leitor. No entanto, Fontes quisesse esta forma mais simples de escrita para fazer sua ficção mais popular com uma facilidade de compreensão do foco atribuído sem mudanças profundas para guiar a referência dos que poderiam ler os seus romances. Com um palavreado popular, exemplificou o escrever do regionalismo e folclorismo da literatura brasileira. Também este autor buscou o objeto concreto do cotidiano de uma comunidade que condiciona um espaço visceral de determinado grupo social de fragmentos históricos retratados em configurações literárias que inicia uma abordagem sobre as narrativas dos acontecimentos humanos. Mostrar que, embora a história tenha seus fundamentos na cientificidade e a literatura na imaginação e subjetividade, têm, contudo, o suposto real traduzido em linguagem. É a procura da palavra, a constituição do objeto tanto da história quanto da literatura, mesmo percorrendo caminhos opostos, mas impregnando uma carga de subjetividade como resultada do ato criador.

Neste sentido a história, talvez, tenha mantido um relacionamento com a literatura, onde retratam uma época ou uma sociedade. Se por um lado a literatura é singular contrapondo-se ao “real” pela imaginação do trabalho artístico, contribui como uma nova forma de ler os acontecimentos quando se posicionam em um pensar histórico. A sociedade e personagens literários necessitam de uma época e mostram uma identificação no passado interpretando os

acontecimentos. Ao mesmo que o leitor passa a ter atitudes voltadas para o espaço, enfraquecendo em si o individualismo e aproximando-se do viver coletivo, mesmo em imaginação, ter uma visão do passado e do presente, sendo que a história tenha a responsabilidade pelo dito. É justamente esse aspecto, a procura da palavra, que se constitui no objeto tanto da História quanto da Literatura, aproximando-as, mas o que as diferencia não se encontra no que “ambas perseguem, mas no modo de investigar tais objetivos”. Como afirma Durval: “A realidade não é uma pura materialidade que carregaria em si mesma um sentido a ser revelado ou descoberto, a realidade além de empírica é simbólica, é produto da dotação de sentido trazida pelas várias formas de representação. A realidade não é um antes do conceito, é um conceito”. É uma criação que tem lugar e pertencimento a determinados grupos, comunidades que correspondem a elaborações mentais que expressam o mundo do vivido e que mesmo se constituem a ele. Mais do que isto, este conceito produz imagens, história e memória, que dão a ver aquilo que dizem através da escrita ou da fala, enfim, o conceito faz parte do meio humano, científico, que constrói e define uma “lógica” para dar substancialidade ao mundo. Portanto é necessário tomar cuidado com os conceitos para não serem aceitos como verdades inquestionáveis. Ao historiador cabe a tarefa de construir versões, sabendo que a verdade do acontecido é implacável e irrecuperável, logo o historiador é animado por um desejo de verdade, colocando a veracidade como um horizonte de chegada, mas tendo como resultado uma narrativa verossímil do ocorrido.

Assim a literatura no terreno da epistemologia histórica, introduzindo o conceito de representação nas narrativas construídas pelo historiador sobre o passado, criara para si uma equação que não resolveria no seu tempo: se a ficção fosse responsável pela ilusão de objetividade ou de verdade para o acontecido, que tipo de resultado poderia atingir o historiador na sua tarefa? Raramente seria uma verdade científica. Ainda afirma Durval Muniz, que para a História cultural, portanto, a invenção do acontecimento histórico, de qualquer objeto ou sujeito da história, se dá no presente, mesmo quando analisa as várias camadas de discursos que o constituíram ao longo do tempo, pois esta historiografia é atravessada pelo tropos da ironia que traz a participação do discurso do historiador na construção da realidade que narra para o centro da reflexão.”³

³ MUNIZ, Durval. *A arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007. P. 63.

2 A PALHA DE ARROZ: PRODUZINDO LITERATURA, HISTÓRIA E ESPAÇOS RELACIONAIS.

Uma possibilidade de pensar a História é buscar recursos no fenômeno estético e cultural. Olhando deste prisma podemos utilizar a Literatura como recurso colaborador e, principalmente, como matéria do conhecimento histórico. É claro que as explicações, possibilidades de sentidos vão ter fundamentos nos significados. Fazer História é diferente de fazer literatura, embora que estas diferenças sejam estreitadas quando o trabalho encontra uma nova forma de ler os acontecimentos. Quero, neste trabalho, contribuir para o debate sobre o objeto e o método específicos do fazer historiográfico, mas que, em vez de supor que existe uma única forma de conceber e realizar o conhecimento histórico, com exclusão de todas as outras, suporá, ao contrário, que existem muitas formas de concebê-lo e realizá-lo.

A manifestação histórica no romance de Fontes Ibiapina revela-se quando o narrador relata a história verdadeira de um povo que, sob a ideologia dominante, separa ricos de pobres. Revela-se, então, o desejo de os privilegiados permanecerem no poder, impedindo a saída, ou mudança social. Neste sentido acredito que a obra “Palha de Arroz” de Fontes Ibiapina, que transparece a literatura com ênfase no social mais que no indivíduo. Isto produz nesta obra, vertentes diferenciadas como a nostalgia, o populismo, o histórico-memorialismo e a crítica-analítica. Mas existe possibilidade que em “Palha de Arroz” tenha uma maior vertente no histórico-memorialista, quando o autor coloca o leitor diante de um fato conhecido, que de uma forma ou de outra foi condicionado pela história, com suas metodologias e subjetividades para uma objetividade historiográfica: as vidas de Pau de Fumo e Negro Parente; os incêndios em Teresina na década de 1940, em plena ditadura Vargas; que este recorte na História do Piauí ficou guardado no inconsciente coletivo, marcado pela prática do terror, reelaborado pelas vítimas e a comunidade que viveu o episódio do furioso fogo. Este acontecimento foi divulgado pela imprensa, mas o olhar do jornalista não focaliza o objeto histórico, nem tampouco a estética literária. Assim, mesmo com uma característica literária sem compromisso com as metodologias da historiografia, Fontes Ibiapina mistura em sua narrativa, ficção e história, embora os personagens de “Palha de Arroz” vivam e ajam no imaginário e a criação do narrador os manipule em um mundo imaginário. Ainda podemos salientar, para ampliar o leque de opções do

comportamento do autor, e a autenticidade sociológica localizada e a cronologia determinando a época e um momento. Embora falar do passado é preocupar-se com o presente, não podemos fugir a isto e o tempo cronológico é menos importante, e às vezes, como na literatura, o historiador acaba atenuando o tempo psicológico. Lembrando que a memória situa-se em discursos e práticas e que a história está sempre pronta a desfazer uma imagem do passado a partir do presente, pois as relações entre presente e passado é que dão sentido a esta história.

(...) Nós historiadores, ao contrário do que faz crer as dicotomias que atravessam nosso campo de estudo hoje, não escrevemos a história da margem direita ou da margem esquerda do rio, não podemos optar por habitar a margem do objetivismo ou a margem do subjetivismo, a margem da natureza ou a margem da cultura, a margem da realidade ou a margem da construção discursiva da história, pois a história em seu acontecer articula e relaciona todos estes aspectos e a narrativa histórica também deve fazê-lo. (MUNIZ, Durval. *"A arte de inventar o passado"* Op. cit. p.29)

Em "Palha de Arroz", Ibiapina reflete a experiência dos acontecimentos históricos tratados em uma narrativa que caminha de uma maneira peculiar mesclando o concreto com o abstrato. Esses acontecimentos estão relacionados com os incêndios ocorridos em Teresina na década de 1940 e também com o governo de Leônidas Melo no Piauí durante a ditadura Vargas, mostrando um totalitarismo que ofuscava a democracia através de uma forte opressão ao povo. É claro que esta forma de relatar os fatos mancha a autenticidade do historiador, embora o mesmo possa ser forrado de sensibilidade artística, mantendo suas prerrogativas de cientista do fato histórico e social, que investiga e interpreta à luz de metodologia e critérios historiográficos.

É importante, também, levar em conta que a literatura regionalista recebe inúmeras influências, oriundas dos gostos das cidades ou dos hábitos de outros segmentos sociais. Estamos nos referindo a grupos urbanos como as prostitutas do cais do Parnaíba, aos operários das fábricas de arroz, a elite de Teresina, aos militares, aos profissionais liberais e outros. Nenhuma literatura regionalista traz em si uma expressão cultural pura ou realmente autêntica por seu autor pertencer exclusivamente a algum grupo ou região isolada. Essa questão aponta para a circulação cultural entre artistas eruditos e populares mostrando uma comunicação entre ambos. Não podemos negar que o lugar do sujeito fortalece o olhar do discurso, enquanto campo do saber, fundamentado como uma fonte riquíssima para o estudo histórico da cultura popular, das classes

pobres populares, dos excluídos, do homem rural brasileiro, do sertanejo.

Isso possibilita uma discussão sobre a identidade nacional e a constituição do povo. Ibiapina resgata estas idéias de forma superficial, para o regionalismo histórico-social no Piauí enquanto campo do saber social, pois acreditamos que foi a própria condição social de formação dos homens e mulheres do nordeste, que desde a colonização foram, na maioria, sacrificados pela elite açucareira como condicionante para uma produção e um desenvolvimento econômico e assim tiveram que viver em uma sociedade estamentada e de exclusão intelectual e econômica, que apontaram para o surgimento na região do desenvolvimento de uma literatura popular, transformando-se assim na área de difusão desse tipo de manifestação cultural.

Nesse sentido, as características da própria fisionomia cultural da região foi possibilitada pelas condições sociais e culturais peculiares que tornaram possível o surgimento da literatura regionalista. Não é objeto deste trabalho questionar cada fisionomia da cultura regionalista no Brasil, não quero problematizar e especificar o sertão de Guimarães Rosa ou o sertão de Graciliano Ramos, em uma comparação convergente ou divergente. O que nos faz discutir é a análise do social para compreendermos A Palha de Arroz como transformadora, produtora de Literatura, História e espaços relacionais na obra “Palha de Arroz” de Fontes Ibiapina. Assim detalhar o cotidiano, por uma vertente sociológica, dos homens e mulheres de Teresina-Piauí, em um recorte de espaço e período, pois acreditamos que a forma como foram representados pela cultura popular não foi ainda devidamente estudada, tomando-se em considerações a proporção em que suas façanhas e feitos foram comentados pelos populares que vêem nesses homens e mulheres, verdadeiros heróis ou bandidos. Mas é preciso inserir estas pessoas no contexto social de uma época, onde pobres nas relações de poder, pessoas sejam oprimidas, manipuladas e enganadas por uma cadeia social que sustenta a política dos governadores durante a república velha no Brasil. Dentro desta afirmativa podemos vasculhar os documentos materiais, os abstratos para descreverem o simbolismo de uma época, mas, também, tendo o cuidado de observá-lo com cautela para não cair em erros e contradições, pois estes textos não são inocentes e transparentes, na maioria das vezes são tendenciosos conforme a autoria, ao grupo social a que pertencem os autores e a condição social, cultural e econômica daqueles que o escreveram. Pois estes textos poderão ser redutivos enquanto reflexo da realidade social, como verificamos em texto de teóricos que acreditam nesta forma de apresentar este reflexo do “real”.

Chartier adverte aos historiadores da cultura que não devem substituir uma teoria redutiva da cultural enquanto reflexo da realidade social por um pressuposto igualmente redutivo de que os rituais e outras formas de ação simbólica simplesmente expressam um significado central, coerente e comunal. Tampouco devem esquecer que os textos com os quais trabalham afetam o leitor de formas variadas e individuais. Os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los, através de uma orientação crítica: principal fundamento do método histórico.⁴

Assim, o romance “Palha de Arroz” se transforma numa rica fonte de pesquisa para a História, para a Sociologia, para a Antropologia e para a Literatura Piauiense, dando origem a uma crônica de sua época, escolhendo o passado “real” que todos reconhecem, colocando nele personagens já conhecidos, realizando ações que ainda não são conhecidas. Não podemos negar ao romance que focalize a História a tentativa de não só mostrar a identificação do passado das causas dos acontecimentos, como deve mostrar os efeitos que as mesmas produziram, às vezes, num processo, de forma lenta e demorada. E no caso do Brasil, por ter grande influência da literatura européia, principalmente da literatura portuguesa, que resguardaram uma postura conservadora e sistemática da elite da época, o romance, na maioria das vezes, é estruturado com uma linha histórica referente a estética literária, fortalecendo a linguística, salientando o social e codificando a política e a realidade econômica. Quando o narrador relata a história verdadeira de um povo, mostra-se, quer queira ou não, o seu lado subjetivo e seu sujeito social, porém a manifestação histórica no romance de Fontes Ibiapina salienta a cidade de Teresina sob a ideologia dominante, separando ricos e pobres.

Contudo, existe o desejo de os privilegiados permanecerem no poder, impedindo a saída, ou mudança social, da classe proletária impossibilitada de vencer os obstáculos impostos, mesmo que seja pelos meios “legais”. Há também no texto de Fontes Ibiapina momentos específicos do campo histórico como documentos, localização espacial, entidades, reflexão, ação e a situação narrativa. Estes elementos pluralizam uma fidelidade de época dependendo do olhar e da lente que o focaliza. Percebe-se desse modo que o autor, ao entrelaçar as outras ações secundárias às quais formarão a História, terá nos acontecimentos verídicos o elemento que conduzirá a diegese para um referente que é a realidade exterior e/ou imaginária à narrativa. Toda

a tragédia peculiar da narrativa e alicerce para transparecer o imaginário do literato: os incêndios, a morte, os atentados, os bairros de Teresina, principalmente o Palha de Arroz. Nesta Teresina periférica pode-se observar as pluralidades de comportamentos e posições individuais e coletivas pensadas pelo autor da obra, marcando um lugar social para explicar a questão da ética em separada da tradição moral, como assim teoriza Foucault.

A reflexão foucaultiana sobre os costumes é uma reflexão ética e não moral. Ele distinguiu a questão da ética da questão de um código moral. Ele não se interroga apenas como um costume, um conjunto de prescrições e proibições foi imposto a uma sociedade, a um grupo ou a um indivíduo, mas sua pergunta fundamental é mediante que práticas as pessoas foram incitadas a adquirir uma natureza moral? Ele parte do pressuposto de que o costume não é algo que se impõe de forma completa a um indivíduo; o costume não é sempre semelhante a si mesmo, mas, ao contrário, está sempre em mutação, pela atuação ética, da liberdade dos indivíduos.⁵

Grande parte da controvérsia gira à volta da ideia de substituir o método histórico, de modo a penetrar mais organicamente à realidade do fenômeno literário, como a estética, o imaginário focalizado pela ficção, a narrativa diferenciada, e o processo de seu desenvolvimento. Assim, o conflito está bem equacionado. De um lado, a história como ciência objetivando um compromisso do dito real ou imaginário, obedecendo a uma metodologia historiográfica, de outro a renovação de conteúdo estético ou filosófico.

Portanto, a importância da existência do valor do método histórico de abordagem do fenômeno literário à técnica científica não pode ser inspirado no culto do fato isolado e concreto e na submissão ao objeto, pois a história não pode ser travada por uma fórmula, uma única regra ou verdade, através da ideia que não deixe dúvidas e de um comportamento único, além do que esta abordagem foi posta em dúvida à medida que tomou-se consciência do conteúdo estético da literatura, embora não podemos negar esta literatura como fonte de pesquisa para a história.

⁴ CHARTIER, Roger. *Textos, Impressão e Leitura*. In: HUNT, Lynn. Op. cit. p.211-238

⁵ MUNIZ, Durval. *A arte de inventar o passado*. Op. cit. p. 125

Neste sentido, a obra de *Fontes Ibiapina* nos dá opção de matéria para pesquisa histórica posicionando-se como fenômeno literário à técnica científica, embora caiba ao pesquisador dos fatos históricos analisar as várias possibilidades com relação às obras do citado autor, buscando nas mesmas, recursos para a contribuição histórica. Para sugestão da obra de *Fontes Ibiapina* como matéria de pesquisa histórica no Piauí, temos o livro de contos **Eleições de Sempre** com os seguintes trechos:

“Dr. Demétrio Hipólito Loureiro. Recém-formado. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Salamanca do Piauí. De origem humilde. Filho de pequeno fazendeiro, homem de poucos recursos. Ao regressar à cidade natal com seu canudo, montou escritório de advocacia. Dentro de pouco tempo, com um lastro de amigos de não se saber nem dizer quantos. Em relação à política, sempre de fora. Mas isso apenas exteriormente. No íntimo, preparando seu terreno. E sempre comentando sobre o que estava certo ou errado. Doutrinando o povo. Aliás, no seu modo de ver, quase que tudo errado de ponta a ponta. E, naquilo, angariando simpatia. Desbastando a pedra bruta. Trolhando aquele povo até então, lá no seu dizer, ludibriado e conduzido por aproveitadores. A cada dia, aprofundando seu trabalho de sondagem e preparo para uma tomada de posição definida e segura. Apesar de o velho seu pai sempre acompanhar o velho Coronel Celestino de tanta fama, desde o início que o Dr. Demétrio se fez eleitor da ala ao contrário. Não só eleitor, como simpatizante atuante. Não havia dúvida tratar-se de um político nascendo para uma liderança de altos vãos. Coronel Celestino, certa feita, cogitou candidatar Dr. Demétrio a vereador. Alegava que precisava de um homem de sua têmpera intelectual na Câmara Municipal; que, futuramente, seria seu candidato a prefeito e coisa e tal. Não houve jeito. Além do mais, declarou que nunca se candidataria a qualquer cargo eletivo pela legenda daquela situacionismo que ali se encontrava, descendente de uma Ditadura Fascista. Quando na campanha eleitoral de 1958, não mais tolerando umas tantas coisas desagradáveis, sobretudo fraudes, maquiavelismo barato e outros negócios escusos de toda natureza, de uma hora para outra, Dr. Demétrio deliberou-se. Sabia que ainda não estava bem armado para a luta. Mas resolveu aceitar aquilo que a oposição lhe vinha oferecendo de há muito tempo. Candidatou-se a Prefeito Municipal pela UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL. (Até então, nunca que a UDN ganhara uma eleição ali. Todo o tempo o PSD de cima, mandando e desmandando, e a UDN na taca). Campanha desigual. Pelo menos à prima vista. Dr. Demétrio, além de político neófito, candidato por um partido que nunca teve vez naquela municipalidade. E, para completar, como seu opositor, um filho do famoso Coronel Celestino, Dr. Fabrício (dentista). Todo mundo quase certo da derrota do Dr. Demétrio. Mais um postulante a pegar no rabo da raposa velha mais sagaz e matreira daquelas quebradas. Coronel Celestino com todos os trunfos nas mãos. Ao lado do Governador do Estado, apoiado pelo então prefeito e tudo o mais. Eleitores de cabresto em todo o município. Para completar, contando com o MM Juiz de Direito, Dr. Tiago Pulquério Mascarenhas. E, naquele seu velho método de quem tem

os olhos fundos chora cedo, com um alistamento eleitoral vindo de longe, na surdina, por baixo d'água. E Dr. Tiago com uma parcela de contribuições a seu favor pra lá de a contento. Ciladas e mais ciladas, por baixo como fogo-de-monturo, funcionando a valer. (...) Infelizmente, nas vésperas do pleito, cinco dias apenas, Dr. Demétrio sofreu acidente na virada dum caminhão. Foi um Deus-nos-acuda para seus correligionários. E lá se fora ele para a capital, onde guardaria leito num hospital por uns 15 dias". (IBIAPINA, Fontes. *Eleições de Sempre*. Teresina-PI, 1986. p.44-45).



Nesta história temos um novo momento marcado pela influência do pós-estruturalismo onde o simbólico funde-se com o imaginário provocando um discurso com conceitos abstratos onde a realidade tem várias formas de representação e tanto o literato como o historiador buscam conceitos para tal representação, embora a modernidade exagere finalizando o conhecimento de forma objetiva adormecendo os intermediários, que são as ideias, as formas, o compromisso diferenciado entre quem escreve literatura e quem escreve história, pois em um mesmo caminho existem veredas diferentes, e estas veredas, na verdade são abordagens que contribuem para o dito concretizado. Daí a importância da narrativa dando ênfase a discursividade permeando as meditações subjetivas e culturais.

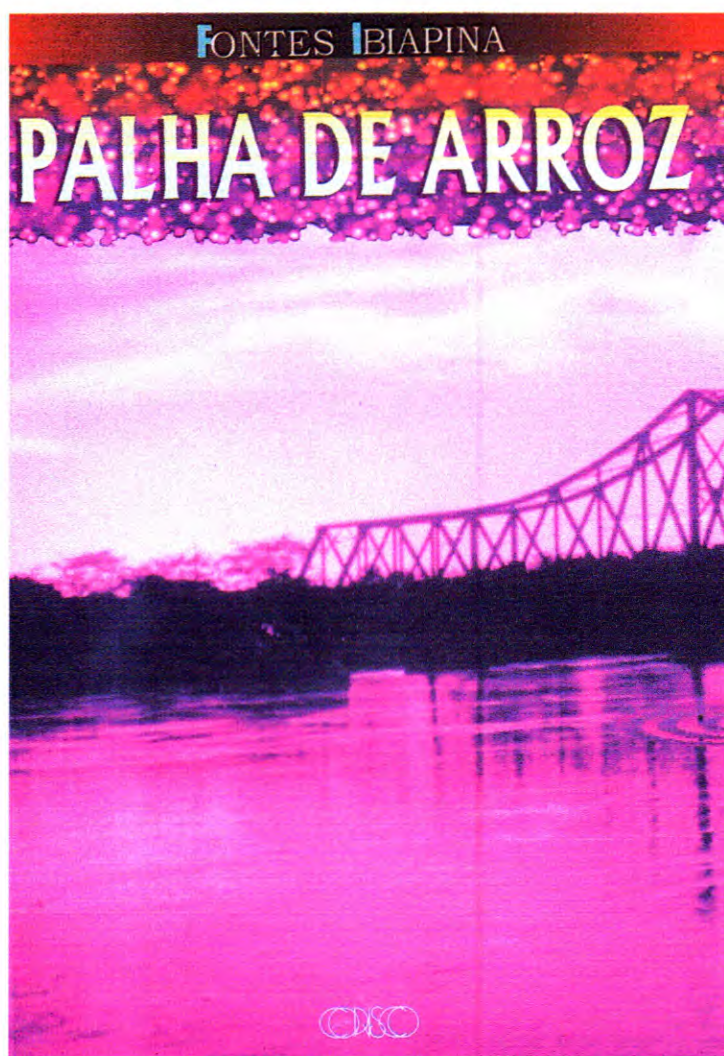
A história só existe enquanto entendida como processo comunicativo e neste processo comunicativo apresentam-se, como na literatura, embora com concepções diferentes, as figuras e funções de linguagens que, de forma sensível, contribuem na articulação do processo construtível da escrita, solicitando narrativas diferentes mas que às vezes se confundem no aspecto prosaico. Em uma narrativa pode existir vários códigos, mas só uma mensagem, por isso, talvez, poderíamos afirmar que a literatura percebe como as coisas caminham com uma maneira peculiar mesclando o concreto com o abstrato, enquanto a história sedimenta-se impossibilitando homogeneidade.

Daí o fracasso daqueles historiadores que, no século XIX, se empenharam no estudo da literatura. Não atinaram em que atividades tão diversas de espírito – a crítica literária, a estética, de um lado, e do outro as ciências sociais, a história, a etnologia – se não são isoladas em compartimento estanques, se prestam auxílios mútuos, não podem ser tratadas simultaneamente, pois existe uma especialização até da mentalidade de quem as exerce, duas atitudes, duas metódicas, duas terminologias diferentes.

Não se pode ser crítico literário e estético ao mesmo tempo, historiador ou etnólogo. Fontes Ibiapina em “Palha de Arroz” constrói uma narrativa dramática, onde seus personagens protagonistas (Pau de Fumo e Negro Parente) se degradam não exatamente por seres humanos, mas por vivenciarem, na pequena porém já violenta Teresina, uma experiência de intensa exclusão social. A Palha de Arroz, foco de uma intensa disputa de espaços, relações, poder e condição social, solicita conexões de núcleos periféricos aos centrais; isto é, a narrativa liga os protagonistas à outras ideias marcada por dramas e razões de outros personagens secundários como: Conceição, Maria Preá, Chica Pote e outros. Ibiapina não escreve um romance

de matriz clássica, mas moderna, ainda que sem ruptura com o tradicional, pois que linear, com começo, meio e fim, apesar dos flashbacks. Tal paradoxo na verdade se dá porque o escritor constrói seu universo ficcional em paralelo ao “real”, na verdade quase grudado a ele, porém com os métodos próprios da literatura, como podemos verificar no texto de “Palha de Arroz”, abaixo citado:

“Chega de Mato Grosso um filho de Chica Pote – Mundico Potó. Com cartas do negro Parente pra Pau de Fumo e Antonino. Acompanhadas de setecentos bagarotes – quinhentos para o filho e duzentos para o amigo. Foi novidade. Mundico Potó nasceu e se criou ali na Barrinha, na maior miséria. Saiu de Teresina puxando uma cachorra, como se diz. Agora voltava naquele luxo todo. Charmoso e com dinheiro. Muitos já o xingavam de rico. Quando Chico da Benta o viu, naquela pinta toda, até julgou que o moleque tivesse vindo milionário. Mas que nada! Só luxo! Só a casca. Estava mas era doente. Coitado! Todo mundo não tardou a notar logo tudo. O pobre estava era cheio de febre palustre até a *caixa-do-olho*. Sim. Dizia ele que em Mato Grosso corria mesmo dinheiro a valer. Mas ele próprio chegava a dizer que mais que dinheiro lá corria era febre palustre. Que a maioria dos que chegam por lá dava o couro às varas e a alma ao Criador dentro de pouco espaço de tempo. Por onde andou, por exemplo, a coisa mais rara do mundo era médico. Medicamentos, muito pior. Umaz zonas incultas e selvagens, onde só se viam mais índios. E tudo caro. Custo de vida pela hora da morte, sem vela na mão. (...) Bem que Chico da Benta estava com qualquer coisa de impressão no sentido de um dia feliz sair pelo Rio Grande do Sul. Iria ver aqueles pampas, aquelas *manantiais* que tanto conhecia através de história e geografia. Iria conhecer Uruguaiana com a sua famosa Praça da Redenção, onde parte das forças do Ditador Francisco Solano Lopez se entregara e baixara as armas na célebre Guerra do Paraguai. (...) Agora tinha já outra opinião formada. Chico da Benta iria renascer outra vez. Iria para outras terras. Para onde na certa nunca se viu uma família se acabar de fome aí no meio da rua. Decerto que lá não iria mais roubar. Então, mais uma vez Chico da Benta voltaria ao mundo, para felicidade de toda a sua família, para o resto da vida. (...) Agora estava perdido por uma vez mesmo. O único jeito que havia era mesmo ficar sendo Pau de Fumo para o resto da vida. E esperar o dia de se acabar dentro do Poço da Usina, longe da Policia, distante dos homens miseráveis de sua pobre e infeliz e miserável terra. Não havia sequer a menor das menores possibilidades de voltar um dia, a mais uma vez, ser Chico da Benta. Muito menos possibilidade de um dia viajar para outras paragens.”(IBIAPINA, Fontes. *Palha de Arroz*. P. 180-205).



Arquivo pessoal do autor do trabalho

Fazer história é incorporar e contemplar novas maneiras de pensar a atual produção historiográfica em uma dimensão problematizadora do social, tendo em vista um processo de globalização pela modernização tecnológica, pois as pesquisas sobre os fatos históricos têm nos chegado mais rápido com amplas discursões e generalizações de problemas dado aos recursos científicos cada vez mais perto de nós, com isto as diversas sociedades vez por outra, respeitando as devidas proporcionalidades e os aspectos histórico-culturais, acabam se "encontrando" em um mundo virtual. O historiador não pode ser preocupado apenas em estabelecer acontecimentos e enumerar suas causas e as consequências do fato histórico. Na nova concepção intelectual, aquela que inside para que a produção supere a reprodução e que o historiador tome como base a fundamentação de seus estudos novos conhecimentos, auxiliando-

se de outros campos para concretizar e/ou sugerir novas idéias para a sua concepção histórica por críticos literários como por historiadores a aproximação história-literatura tenta estabelecer a validade de algumas obras literárias como documentos históricos. Dentre estas obras podemos focalizar aquelas que representaram épocas, determinaram temporalidade, e estabeleceram sugestões sobre acontecimentos no passado em determinados espaços relacionais.

Assim trabalhou Fontes Ibiapina, focalizando, mesmo com aspectos literários, a história de uma época, de um espaço, de uma sociedade e de um tempo, principalmente em “Palha de Arroz” onde a Palha de Arroz condicionava um grupo social que tinha uma visão diferenciada sobre a sociedade teresinense, onde os valores eram diversificados e posicionados conforme interesses econômicos políticos. Portanto com isto verifica-se como a afirmação de Certeau abaixo citada consolida o nosso pensamento e, também, trechos da obra “Palha de Arroz” confirma a posição de Ibiapina no que diz respeito à aproximação, embora que empírica, da literatura com outros campos de estudo como: História, Sociologia, Filosofia, Antropologia e Política.

“A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar, e multiplica a sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se constrange contra o desgaste do tempo. (CERTEAU, Michel de. *A operação historiográfica*. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.65-119).

“- Daqui só sairei para o outro mundo. Fui estudante. Ainda hoje leio. Quando tenho um tempinho de folga, estou lá na Biblioteca Pública. Tanto entendo qualquer coisa de geografia, como de história, política e sociologia. Esse negócio de Estado este, Estado esse e Estado aquele entre nós não passa de convenções e trapanças. Tudo é Brasil. E todo o Brasil, neste regime que aí está, é uma miséria só. Estados são só mesmo para, em cada região, um determinado número de grandaços tomar de conta de um. Por ora são vinte. Daqui a uns trinta anos, se você for vivo, vai ver, estaremos com uns trinta Estados. Isto porque os ricos vão aumentando e vão precisando de mais Estados para se fazerem. Ainda bem que a Ditadura já está de sentinela, que o melhor regime de todos, apesar de tudo, é a Democracia. A não ser República Democrática, prefiro o Império hereditário. Daqui não saio. Nem que a merda dê nos joelhos! Quando você ouvir dizer que o negro Chico da Benta se mudou, pode rezar um padre-nosso para minha alma, porque foi para o outro lado da vida que viajei. Este mesmo chão que me comeu o umbigo e vive a me roer a vida, há de um dia fazer um prato em meu cadáver. Já aí não vou lhe dizer que seja desta ou daquela maneira, ruim ou bom o meu destino. Sigo a teoria do Agnosticismo. Para mim, Metafísica é ficção. Acredito na impenetrabilidade do incognoscível, que é uma pura realidade. Pode ser que não. Mas eu quero que seja. E eu sou o que eu penso que sou. E tudo que existe no Universo, no Cosmos, é da maneira

que eu penso que é. Teologia é teoria e não ciência positiva. A íntima essência da razão pura e absoluta das coisas não pode ser sondada por simples deduções ou intuições. Não podemos conhecer Deus.” (IBIAPINA, Fontes. *Palha de Arroz*. 3ª edição. Teresina-PI, 2002, p. 163).

Os conceitos e as metodologias, em história e literatura, foram condicionados ao espírito geral de época, e configurados pela voga científica que presidia ao estudo das formas de vida e da cultura, sobretudo pelo método das ciências naturais e por certas nações como a resultante de forças exteriores determinantes (meio, raça e momento, de Taine) e a de causalidade material e natural dos fatos. Além disso, a própria pesquisa e técnica do trabalho e a apresentação dos resultados obedecendo a particular orientação, concentrando-se na pesquisa e arrolamento de fatos, de minúcias sobre as vidas, as fontes, as influências, a falsa acepção idolatria do passado pelo passado. Em outras palavras: a maioria das pesquisas não se preocupa de fragmentar a história em suas diversas concepções e vertentes, concretando as possibilidades de contribuições dos diversos campos para sugerir os “desconhecidos” como opção de retomada para novos estudos, tomando os estudos históricos, apenas uma linear apresentação do passado.

A reflexão histórica baseando-se na influência da Palha de Arroz sobre aquele grupo social que compunha o bairro “Palha de Arroz”, faz de Fontes Ibiapina um narrador da constituição do passado, mas para compreendê-lo é necessário verificar a obra pelo discurso narrativo que infiltra-se pelo discurso analítico com a reflexão histórica como função relevante no conhecimento histórico, isto é, este escritor antes de desempenhar os fatos históricos sobre os acontecimentos de época que mostrou a sua escrita, absorvendo uma seleção de episódios que marcaram a década de 1940 na cidade de Teresina: o autoritarismo do regime, os abusos cometidos pela polícia local, a denúncia dos jornais da época, a pobreza dos bairros periféricos da capital do Piauí, enfim uma visão de Ibiapina com relação as representações simbólicas com relação a grupos sociais que consolidavam a sociedade teresinense. Esse ponto concorre a obra *Palha de Arroz* como matéria da construção da vertente literatura como matéria da história. Esta construção é um acontecimento histórico, quando nos dar alicerce para fundamentarmos um trabalho histórico, relatado no texto ficcional, cujo valor como documento encontra-se exatamente na meditação que é feita sobre os efeitos causados no indivíduo, como no exemplo citado:

“Então, o Comandante do 25º BC, vendo que a Polícia não dava conta do recado, resolveu meter o braço do Exército no meio. Tomou posição na arena e entrou a auxílio daquelas almas sofredoras. Aí mandou que seus soldados patrulhassem o Mafuá. Isto para que a Polícia Militar e a Guarda Civil botassem, com mais eficiência, sentido nos outros bairros – Cabral, Porenquanto, Cruzeiro, Matadouro, Matinha, Vermelha, Cajueiros, Barroco...” (IBIAPINA, Fontes. *Palha de Arroz* p.93)

Em *Palha de Arroz* o tempo cronológico e as relações espaciais enfatizam alguns pontos de referências históricas secundárias, mas que completam a autenticidade de uma obra neste campo. As personagens de Fontes Ibiapina se deslocam em espaços precisos e reconhecidos, tendo existência concreta e referencial. Ainda este acontecimento é localizável facilmente no tempo cronológico, porém no texto de ficção ele é um dos elementos de ligação entre o tempo do romance e o tempo oficial que marcará a sua condição de documento. Este tempo cronológico, em *Palha de Arroz*, é marcado em um momento que atinge um recorte na História do Brasil, onde evidencia-se a década de 1940, época da ditadura Vargas, no cenário mundial faz referências à segunda grande guerra e no Piauí ao governo de Leônidas de Castro Melo. Isto é notificado pelas citações posteriores:

“...Também o presidente era cúmplice como Ditador, bem que podia meter o braço e dar um jeito.
...Os incêndios tiveram início ainda no quente da guerra. O mundo quase todo em plena luta. Verdade que agora a excomungada guerra havia levado o seu fim.” (*Palha de Arroz*, p.30)

“...Quantos vultos importantes da Revolução de 17 na Rússia não foram sacrificados por seus próprios companheiros! – cinicamente se tratam uns aos outros de camaradas?!...” (*Palha de Arroz*, p.162)

“...-Outrora, na Índia, na Grécia, em Roma e noutras paragens, existiu uma região denominada Mitologia. Uma infinidade de sabedoria! E com Deuses para todo mundo, todas as classes, todas as coisas...” (*Palha de Arroz*, p. 168)

“...- (Conselheiro Antônio José Saraiva, fundador da Cidade Verde em plena Chapada do Corisco. Que Deus o tenha em bom lugar. Verde é esperança. E a gente sofrendo até mesmo de esperar.)” (*Palha de Arroz*, p. 15)

Ainda, apesar de outras interpretações da presença da mulher em “Palha de Arroz” (como subalterna, prostituta e inferiormente racional), temos nesta obra uma condição, embora questionável por imposição de momentos, isto é, situações de necessidade material e de sobrevivência, a mulher se mostrando em um processo de transformação como nos dá a perceber no personagem Maria Preá, talvez esta alusão com relação superficial mudança de comportamento de algumas contribuições ocorridas na história social, das mentalidades e culturais em vários países na década de 1960, com a ascensão das mulheres à condição de sujeito e objeto da história, retirando-as das chamadas minorias culturais trazendo-as para o concreto histórico, onde estas mulheres passaram a resistir e lutam contra as condições que lhe eram impostas pela sociedade. Fontes Ibiapina, nesse sentido, em vezes apresenta a mulher decidindo por si mesma sem influências laterais ou através de parâmetros de uma sociedade patriarcal. Embora constatamos que as personagens femininas produzidas pela Palha de Arroz na obra de Ibiapina, aparecem geralmente com características bastante diversas. Cabe ressaltar que algumas vezes ocorre, inclusive, o trânsito dessas mulheres em mais de uma representação: mulher prostituta, mulher comerciante, mulher do lar, mulher trapaceira, mulher fiel às suas convicções e mulher explorada por sua condição social e econômica. Como podemos observar na citação abaixo relacionada à Maria Preá, personagem marcante de Palha de Arroz:

“Já estava à meia-guampa, quase borracho, bebendo. Quando lá se vem uma camanga em direção à sua banca. Mulher baixa, de idade um pouco avançada, mas bem bonitona. Alva. Pele sentada. Penteado todo bacana. Metida num *soarê* estampado que era uma beleza. Volta de ouro. Anéis. Pulseira. Brincos grandes e bonitos. Um pedaço de dama! Lá se vem vindo ela do lado do salão da dança. Toda se requebrando dentro de tanto luxo! Em cima dum Luiz XV, chega se derrengava toda no caminhar. E o negro ali, um pouco pra mamau, mas prestando atenção. Aproximou-se de sua banca. E foi se sentando toda faceira. Passou as mãos ao pescoço, para melhor mostrar as pulseiras e sacudiu assim a cabeça ajeitando os cabelos, chega os brincões de ouro balançaram.” (IBIAPINA, Fontes. *Palha de Arroz*.)

Esta personagem demonstra à tentativa, por influência de grupos sociais, afasta-se da marginalidade periférica proporcionada pela vida social imposta pelo bairro Palha de Arroz, por meio de um convívio diferenciado.

Toda a concepção da história tradicional desmoronou, pois seu objeto, o “fato singular”, deixou de dominar o horizonte do historiador. A própria natureza da pesquisa o obrigava a colocar muito claramente sua teoria explicativa e suas hipóteses de trabalho, e especificar os critérios de seleção ou elaboração de dados, o porquê da escolha deste ou daquele processo metodológico e/ou tema. Os acontecimentos não podem estar ausentes de uma preocupação, pois para explicar as flutuações conjunturais é necessário recorrer a eles. Por exemplo, uma guerra pode ter grandes influências sobre o social, a cultura, os costumes, os hábitos. Mas já não se trata de construir a história saltando de fato singular, como, as vezes apresenta-se na obra “Palha de Arroz”. A história se mostra mais aberta, menos rígida, menos resistente à mudança do acontecimento à estrutura, da curta à longa duração, do individual ao coletivo, em todos os planos considerados será fácil constatar o processo de ampliação e aprofundamento que caracteriza a visão atual da história.

Os objetos da história só podem ser explicados pela própria história, isto é, somente a história, com suas metodologias e como ciência, tem a competência necessária para explicar os seus objetos de estudo, pois o olhar do historiador é termômetro para analisar o que deve ser incluído ou excluído da relativa conclusão dos estudos dos fatos, possibilitando novas pesquisas sobre estes fatos. Ainda, estes historiadores, não poderão afirmar com precisão um resultado para sua pesquisa, deixando um abismo para ser explorado à luz de verdades conjeturadas ou solicitadas. Os fatos históricos devem nascer de aglutinação de detritos, pois o historiador não pode ter no resultado a apresentação de um objeto, mas sim ter a preocupação de explicar os detalhes. Isto nos faz acreditar que os buracos são responsáveis por uma afirmação, uma nitidez no caráter fragmentário da história.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura regionalista e o folclorismo desenvolvido na obra de Fontes Ibiapina é fonte de informação que antecede a outras formas que vulgarizam as fontes de informação das populações mais pobres do interior e dos centros urbanos do nosso estado. Mais do que isso, a literatura desenvolvida por Ibiapina colocou em circulação em sua ambiguidade e diversidade uma série de questões em que o poder simbólico estava no centro das representações criadas. Neste sentido, as análises clássicas de submissão, dominação, alienação que perpassam a historiografia que se dedicou a analisar as representações na literatura regionalista, folclorista e urbana. Foram aqui resignadas. Não necessariamente devemos nos posicionar no pólo oposto, que atribui aos dominados a obrigação da resistência e da luta social. A literatura regionalista, folclorista e urbana de Fontes Ibiapina mostrou-se como uma documentação extremamente rica para análise de poder, do poder simbólico e das práticas culturais do ponto de vista das camadas sociais subalternas do Piauí.

“Palha de Arroz” assinala uma nova época literária ao incorporar fatos, problemas e personagens até então parcialmente ignorados. Proporciona um estudo detalhado dos conflitos socioculturais vividos pelo povo quando aconteceram os incêndios em Teresina. Ainda podemos relacionar Fontes Ibiapina com uma narrativa que hipnotiza os leitores logo às primeiras linhas, numa linguagem viva e simples, representando uma época sem artificialismo. Por isso, os filólogos e historiadores devem ficar de olho neste escritor que faz tudo para levar ao papel as maneiras de dizer de sua gente. Observando os fatores relacionados com os costumes, hábitos, crenças, cotidiano e valores determinantes para o comportamento e as experiências de um povo focalizado em espaços relacionais.

No primeiro capítulo foi fundamental fazermos um estudo sobre a obra de Fontes Ibiapina em sua especificidade produzida em um contexto folclorista e social. Ainda condicionamos a obra de Fontes Ibiapina uma produção cultural peculiar representativa de um grupo social que interfere e é interferido pelo processo do desenvolvimento articulado e que constitui expressões das experiências socioculturais. Mas precisamos observar que a literatura desenvolvida por Ibiapina não dá conta da riqueza simbólica que coloca em circulação, mostrando que o lugar em que os sujeitos se postam é muito complexo no coletivo sem deixar de ser, também, na individualidade. Trabalhamos uma análise da situação de Fontes Ibiapina como

sujeito no processo das especificidades da historiografia piauiense, como também posicionamos nossa opinião sobre a narrativa deste escritor que buscou, através da linguagem, desprender-se das normas para mostrar os espaços e a fala sertaneja. Ainda afirmamos que Ibiapina sugere uma forte reflexão histórica montando seus discursos de forma interligada para relatar os sentimentos do povo piauiense.

No segundo capítulo, procuro estabelecer as possibilidades de pensar a literatura como recurso colaborador para fortalecer o conhecimento histórico. Neste sentido utilizamos a Palha de Arroz da obra “Palha de Arroz” de Fontes Ibiapina para produzir literatura, história e espaços relacionais dando ênfase ao histórico-memorialista relacionado aos incêndios em Teresina na década de 1940, em plena ditadura Vargas. Também, em nossos estudos, levantamos a importância de que a literatura regionalista recebe inúmeras influências, oriundas dos gostos das cidades ou dos hábitos de outros segmentos sociais. Assim, fizemos uma análise do comportamento humano e de suas configurações históricas. Ainda, em um momento singular, procuro estabelecer maneiras de relacionamentos sociais que marcaram as mulheres no discurso de Fontes Ibiapina. Onde estas mulheres foram representadas conforme a sociedade e a época em que apresentaram-se, neste sentido as mesmas não foram configuradas de formas circunstanciais. Portanto, este trabalho tem como meditação e sugestão para outros estudos a possibilidade de solicitarmos a literatura como matéria que constitua reforço nos modos de investigar os objetos históricos.

Sabemos que as necessidades em volta desta ligação entre literatura e história nos faz retomar um cuidado especial para que ambas tenha um papel específico e que não se confundam no dizer e que as narrativas sejam talhadas como forma de estruturas aspectos que respeitem os campos de estudos. Neste sentido as experiências devem ser valorizadas conforme a situação que o momento e correlacionado dentro de respectiva situação, isto é, literatura e história deve ser relacionadas dentro de limites e fronteiras, as quais dependem dos objetos de estudo e da concepção de sujeito histórico desenvolvido. Portanto a historiografia deve respeitar a literatura como matéria de importância analítica e reflexiva para simbolizar o passado, preocupando-se com o presente atribuído tudo isto à construção de uma narrativa que tenha habilidade de optar pelo objetivo e não esquecendo o subjetivo.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA DO Ó, Alarcon. **Veredas Favip**, pág. 52

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 65-119.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990. p. 17.

FILHO, Alcenor Candeira. In **“Literatura Piauiense no Vestibular”**, Parnaíba, PI, 1995.

IBIAPINA, Fontes. **Curral de Assombrações**. Teresina, Projeto Petrônio Portela, 1985.

IBIAPINA, Fontes. **Eleições de Sempre**. Ed. Soma, 1986.

IBIAPINA, Fontes. **Palha de Arroz**. 3ª ed. Teresina. 2002.

IBIAPINA, Fontes. **Vida Gemida em Sambambaia**. 1985.

MUNIZ, Durval. **A arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

NETO, Adrião. **Literatura Piauiense para Estudantes**. 5ª edição. 1999.

WHITE, Hayden. **Meta-história: A Imaginação Histórica do Século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1992.